

Três homens sedutores.  
Um romance por mês.  
E um bar onde tudo acontece.

Ω  
HOMEM  
DO MÊS

Abril • Maio • Junho

J. KENNER

TOP  
SEL  
LER

A nova série da vencedora do prémio RITA  
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

## CAPÍTULO 1

— Booooooooom dia, Austin — Nolan agrediu o microfone com a sua melhor imitação de Robin Williams. — São seis da manhã de quarta-feira e, se pensa que acordou suficientemente cedo para fugir ao trânsito, é porque é mais maluco do que eu. Bem sei que isso aí fora está uma loucura, mas tudo bem, porque aqui dentro também parece um manicómio. Mas estarei deste lado para tornar a sua condução um pouco mais louca, quer se desloque apenas até ao fundo da rua ou tenha de atravessar a cidade.

Premiu o botão da consola para pôr a tocar o tema de *A Quinta Dimensão*, depois inclinou-se sobre o microfone e, na sua voz mais profunda, canalizou o seu Rod Serling interior.

— É a dimensão entre comédia e estupidez, entre humor e idiotice. É isso mesmo, pessoal, eu sou o vosso apresentador, Nolan Wood, e isto é... — fez uma pausa para dar um efeito dramático, enquanto Connor, o seu produtor, aumentava a reverberação nos efeitos de som, e terminou com o nome do programa — ... *Manhãs com Wood*.

Tinha estado sempre em pé — embora fossem seis da manhã, Nolan estava sempre acelerado antes de um programa e esforçava-se por imprimir ao seu trabalho uma vitalidade acrescida —, mas agora deixou-se cair de novo na cadeira. Rolou alguns centímetros até à parede no pequeno estúdio envidraçado, enquanto Connor alinhava o *Efeito Sonoro de Satisfação*, um pequeno clipe que Nolan montara e que consistia no ruído de aplausos em crescendo, a culminar com um ronronar de satisfação feminino «Oh, Nolan!».

A seguir, passou o tema do programa das horas de ponta, terminando com a identificação — gravada por um dos atores de voz do estúdio: «Estão a ouvir *Manhãs com Wood* no KIKX de Austin —, na frequência 96.3 FM da sua rádio. Músicas clássicas e conversa sem classe com o seu apresentador, Nolan Wood.»

Num ritmo tão natural como o sexo, Nolan estava de volta ao microfone, com o corpo a zumbir de energia, à medida que regressava ao *sketch*.

— É verdade, companheiros, está uma bonita manhã de maio. O sol brilha. A relva está verde. Os pássaros cantam e há um maldito engarrafamento no sentido sul da Mo-Pac junto à saída Oeste. Fuja enquanto pode, porque não é bonito.

» E se não tiver um percurso alternativo... bem, espero que goste de olhar para o tablier, porque, tirando a traseira do carro da frente, será a sua vista até sair dessa estrada infernal. E se esta não for uma boa transição, não sei o que o será. Por isso, aqui fica um pouco de AC/DC, para o acordar e lhe aplacar a dor.

Quando Nolan terminou, Connor aumentou lentamente o volume do tema *Highway to Hell* e Nolan ergueu o olhar com um sorriso.

— Bolas, adoro o meu trabalho!

— Boa! — respondeu Connor. — Porque eu tenho toda a certeza de que não o quero. — Olhou de relance para o bloco amarelo que mantinha sempre por perto. — Vão entrar os anúncios de seguida. E depois? Para onde queres ir? Pedidos? Telejornal? Eventos?

Era uma das razões pelas quais Nolan gostava de trabalhar com Connor. O último produtor insistira para que ele planeasse o programa com antecedência. Mas, com a chegada de Connor, nove meses antes, Nolan afirmara que o programa teria mais energia se ele tivesse maior margem de manobra. Esperara reclamações, mas o magro ex-surfista da Califórnia apenas encolhera os ombros, explicando que, desde que soubesse o que estava na ementa, mergulharia no prato que Nolan escolhesse.

Sinceramente, se Connor tivesse mamas, Nolan ter-se-ia colocado sobre um joelho e feito uma proposta de casamento imediata. Não sendo esse o caso, ele tinha levado o seu novo produtor ao seu bar local favorito, *The Fix on Sixth*, para uma bebida seguida de trocas de histórias de vida enquanto apanhavam uma valente bebedeira nesse ritual de criação de laços masculino.

Quanto à ideia do casamento, fosse como fosse, não teria funcionado. Gail, casada com Connor há cinco anos, nunca teria aprovado. Ou talvez tivesse. Afinal, ao contrário da ex-mulher de Nolan, Gail tinha um sentido de humor soberbo.

Frustrado, Nolan abanou a cabeça para afastar os indesejáveis pensamentos de Lauren.

— Vamos ao Vem-te Comigo — sugeriu ele, referindo-se a um novo segmento recente no programa.

— *Nim*, até o Mannie aprovar. Ele acha que te esticas demais com as anedotas de orgasmos.

Genericamente, Manuel Ortega, o diretor-geral da estação, dava rédea solta a Nolan. Mas, de vez em quando, tinha de o chatear com um conceito em particular.

— É um segmento para chamadas sobre viagens — protestou Nolan. O que era, mais ou menos, uma afirmação correta. Mais para menos do que para mais.

— Então não vais escolher o vencedor decidindo qual dos ouvintes te convença que se está a vir nesse momento? E não me refiro ao sentido de transporte da palavra.

— E se nos ficássemos pelas Notícias Nuas? — sugeriu Nolan, dando o seu sorriso mais simpático ao amigo para se esquivar à pergunta. — Sinto a necessidade de me tornar visível.

Connor riu-se, abanando a cabeça numa exasperação fingida enquanto alcançava o telefone. Quando Nolan surgira com a ideia de passar em *live stream* alguns dos segmentos nas plataformas das redes sociais, Connor ficara na dúvida. Mas, quando experimentaram pela primeira vez — com Nolan atrás do microfone a passar o *jingle* do segmento —, as audiências aumentaram exponencialmente e os ouvintes ocuparam as linhas telefónicas durante horas.

Como bom desportista, Connor aparecera no dia seguinte com uma lista de segmentos que podiam usar na rotina normal de Nolan. Quando ele sugerira as Notícias Nuas, Nolan dera-lhe uma pancadinha no ombro, limpando uma lágrima falsa, e disse ao amigo que se sentia tão orgulhoso como um homem que acabara de ser pai.

Agora, Nolan passava o tema de início — a imagem de uma banheira cheia de espuma pintada em contraplacado — diante da sua cadeira. Depois, tirou a camisola e sentou-se, enquanto Connor posicionava o telemóvel num tripé num ângulo de 90 graus do suporte.

Nessa manhã, Nolan vestia calças de fato de treino. Por isso, para um efeito extra, puxou o tecido para cima para desnudar a perna esquerda, tirou o sapato e pousou o pé no rebordo da banheira falsa. Isso colocou-o demasiado longe do microfone habitual, mas eles tinham instalado microfones em quatro lugares-chave no estúdio. Agarrou naquele que ficava logo acima, puxou-o para o nível adequado, depois agarrou no jornal.

Quando faltavam apenas três segundos para terminar o *spot* publicitário, Nolan reclinou-se. E assim que o anúncio chegava ao fim, ele entrou, dizendo à sua audiência que era altura de ser sério com o Notícias Nuas.

— Nós lavamos a sujidade e deixamo-lo com nada mais do que a verdade nua e crua por detrás da história. E fazemo-lo ao vivo — acrescentou ele, para os aplausos e vivas de um dos muitos efeitos de som programados.

Virou a cabeça em direção à câmara quando a ligação ao vivo começou, e todos os ouvintes que não estivessem ao volante naquele momento — e, infelizmente, alguns dos que pudessem estar — podiam entrar na conta da rede social e ver o que parecia ser um Nolan nu sentado numa banheira cheia de espuma, com uma perna pendurada e um jornal aberto em frente dele. O jornal, é claro, mantinha-se milagrosamente seco.

Uma das funções da estação era manter os ouvintes informados acerca das notícias locais, embora a secção de notícias já o fizesse, e Connor analisava o *Austin*

*American-Statesman* todas as manhãs dando depois a Nolan um relatório oral como parte da rotina antes do programa. Invariavelmente, conseguia encontrar nas notícias algo que podia transformar em boa comédia.

O dia de hoje não era exceção, e ele encontrara a base num artigo sobre a recente contratação, pela Câmara, de uma empresa de consultadoria para avaliar as vantagens e desvantagens da aquisição de algum imobiliário histórico no centro, para a preservação de museus e locais de encontro.

— Estes tipos não sabem que o álcool é um conservante? Isso torna a Sixth Street uma das mais preservadas e históricas ruas no país. Que mais querem eles? E já que aqui estamos, vamos oferecer um par de bilhetes para o próximo espetáculo das Pink Chameleon em San Antonio. Daqui a apenas um mês.

Agarrou-se aos braços da cadeira, escondido da vista, depois ergueu o tronco de modo a que o peito se erguesse acima da falsa espuma. Ao mesmo tempo, Connor premiu o botão para a voz feminina ofegante e baixa.

— Ooooooh, Nolan! És tão grande e forte! Conta-me mais!

— Sempre feliz por agradar — disse ele, sorrindo para a câmara à medida que voltava a escorregar para a cadeira e para o ilusório banho de espuma. Habitualmente, Connor certificava-se de que Nolan fosse informado de pelo menos cinco notícias. Nesse dia, contudo, o segundo item da lista de Connor tinha deixado Nolan gelado, fazendo-o abstrair-se por completo dos três itens finais. Razão pela qual Nolan estava agora a confundir Connor ao oferecer os bilhetes para o concerto muito mais cedo no programa do que seria habitual.

Bem, azar do caraças. Naquele momento, Nolan precisava de algo para encher o espaço.

— As Pink Chameleon têm agora um brilhante Grammy e a performance promete ser excelente. A vocalista, Kiki King, é oriunda de Austin, e estou certo de que ela vai sentir-se feliz por estar de volta ao Texas para estes dois acréscimos à digressão, marcados para Dallas e San Antonio. Dito isto, como pode ganhar? O primeiro a ligar com o nome original da histórica Sixth Street de Austin será o nosso ouvinte felizardo a ir ao concerto.

Começou a responder às chamadas — surpreendido pela quantidade de ouvintes que não faziam qualquer ideia da resposta certa.

— Vocês devem ter-se mudado para cá na grande migração da Califórnia — disse ele para a câmara. Mas foi então que o telefonema número seis acertou — Pecan Street — e Nolan puxou de uma antiga buzina da sua caixa de adereços, ergueu-a acima do nível da banheira e apertou a bola na extremidade para fazer a coisa uivar em vitória.

— E foi assim... — começou ele, dando a Connor a deixa de que o segmento terminara. Mas Connor fez-lhe sinal para ele continuar com o Notícias Nuas,

aparentemente porque Connor estava a deparar-se com algum tipo de falha no seu painel de controlo.

*Que merda.* Porque apesar de Nolan se sentir mais do que confortável a disparatar pela vida e a comentar qualquer tipo de notícia ou mexerico, a única parte que ele ouvira da apresentação das notícias feita por Connor não era nada em que ele quisesse pensar, e muito menos elaborar.

Mas não havia mais notícias. A não ser que o próprio Nolan passasse os olhos pelo jornal e escolhesse uma história para analisar de improviso. Uma vez que isso não iria acontecer, Nolan teria de mergulhar nas notícias acerca da sua ex-mulher Lauren e do seu brilhante marido... ou então tinha de ficar em silêncio, em pleno direto.

E Nolan *nunca* ficava sem nada para dizer no seu programa. *Que se lixe*, pensou ele. E foi então que mergulhou nas águas profundas e frias da humilhação.

— Estas próximas notícias fazem parte de um anúncio de serviço público. Apenas um amigável lembrete para todos os incautos, para que manuseiem os jornais com cuidado. Nunca se sabe quando é que as palavras os vão apanhar e morder. Como esta manhã. Estão a ver isto? — apontou para o pescoço. — Marcas de dentes. Marcas de dentes grandes, horríveis e pontiagudas. Daquelas que apenas são deixadas por animais selvagens e ex-mulheres.

Connor ergueu a cabeça, franzindo as sobrancelhas. Nolan não ficou surpreso. Tinha 22 anos quando ele e Lauren se separaram, depois de seis meses muito infelizes. Atualmente com 29 anos, raramente pensava nela. E decerto não tendia a mencioná-la de forma casual. Nem sequer em depravadas maratonas de copos em confraternização masculina.

— Parece que ela e o seu marido senador — e, sim, refiro-me a um dos senadores dos Estados Unidos, representantes do Texas — estão na cidade para alguns eventos, incluindo a receção de ontem à noite na mansão do Governador. Espero francamente que tenha havido esculturas de gelo na receção. Seria uma pena não aproveitar a onda de gelo de uma ex-mulher.

Ele tencionava ficar-se por ali, mas a sua boca continuou.

— Mas a sério, desejo-lhes o melhor. É claro que ela sempre disse que o meu melhor não era muito bom. Mas sabem que mais? Acho que ela está errada. Olhem bem para mim agora. — Indicou a banheira falsa com um gesto rápido, depois ergueu-se e usou uma mão para explorar um peito que sabia fazer babar as mulheres. — Nu e na rádio. Ora, vamos lá ver. Poderei eu melhorar muito mais? Por isso, sabes que mais, querida? Isto é tudo o que tenho para te dizer.

Ele virou a mão para fazer um pirete e viu que Connor tinha desligado a câmara meros segundos antes de *aquela* imagem sair ao vivo. Contudo, não suficientemente rápido para apaziguar Mannie, disse Nolan tinha a certeza.

E então, num movimento de puro génio, Connor manipulou os controlos e fechou o microfone de Nolan, ao mesmo tempo que começava a passar os acordes tempestuosos de *How Do You Like Me Now*, de Toby Keith.

— Perfeito — disse Nolan.

— Que raio? — Connor retorquiu. — Quando te informei acerca desse artigo, nem sequer mencionaste que a mulher do senador já tinha sido tua?

— Não valia a pena mencionar, vai por mim.

Os olhos de Connor semicerraram-se como se estivesse a tentar decidir se Nolan estava a falar a sério.

Estava.

— Ela é linda e eu era jovem e estúpido. Mas nunca tivemos uma verdadeira ligação. Ela era uma pobre rapariguinha rica que só se importava com a imagem. Que toda a sua vida — e todos os que faziam parte dela — fosse a imagem perfeita. Quando estávamos juntos, pensava que ela era uma princesa. E demorei algum tempo a compreender que ela me considerava um sapo.

Antes de ir embora, ela confessara-lhe que confundira sexo escaldante e orgasmos múltiplos com amor. Que ele era a sua passagem pelo lado selvagem e que tinha sido divertido, mas que ela queria um homem que fosse alguém, por isso nunca devia ter casado com ele. Aparentemente, a sua ideia de Príncipe Encantado não incluía alguém que tinha desistido do secundário e ganhava o ordenado mínimo como escriturário e operador de mesa em part-time numa insignificante estação AM a cerca de 60 quilómetros de Austin.

Ele abanou a cabeça, tentando afastar as recordações de Lauren do seu cérebro.

— É melhor agora. Na maior parte das vezes, dou-me com outros sapos. E quanto a princesas... — terminou com um encolher de ombros, pensando em todas aquelas mulheres maravilhosas que o procuravam pelo estatuto de celebridade local — deixo-as vir para a minha cama — admitiu ele, porque Connor já o sabia. E Nolan fazia questão de que qualquer mulher que ele tivesse na horizontal nunca se fosse embora insatisfeita ou a queixar-se da sua pouca ambição sexual. — Mas não estou à procura de nada sério.

Fora enganado uma vez. Nunca na vida isso iria acontecer de novo.

## CAPÍTULO 2

— Isto é tão má ideia... — murmurou Shelby, enquanto saía do *Mercedes* de Hannah e tentava manter-se direita nos pouco familiares saltos de dez centímetros.

— Que disparate — disse Hannah, olhando por cima do tejadilho do carro para Shelby. As madeixas cobre na massa de caracóis louros brilhavam no sol de final de tarde, tão cintilante como o seu sorriso malandro. — Festas de despedida de solteira exigem um mimo apropriado. E vai por mim, quando se trata de coisas para a lua de mel, não há local melhor em Austin do que a *Forbidden Fruit*.

Shelby deu uma olhadela à montra cor-de-rosa na criativa zona comercial de North Loop. O nome estava escrito em letras garrafais sobre uma montra infinita e fez Shelby estremecer, porque quem passasse iria vê-la ali. E Shelby *não* era o tipo de rapariga que frequentasse lojas de brinquedos sexuais. É verdade que tinha um vibrador, mas comprara-o como deve ser — em segredo, encomendado numa loja online que prometia embalagens discretas. E, mesmo assim, tinha esperado dois dias para abrir a caixa, e tinha-se fechado no quarto antes de usar as suas tesouras de manicure para cortar a fita-cola do pacote.

Fizera tudo isso, apesar de viver sozinha e de não estar mais ninguém em casa. Mas com certas coisas nunca se podia ser demasiado cuidadoso.

Hannah limitou-se a rir e abanou a cabeça, enquanto dava a volta ao carro para agarrar Shelby pelo cotovelo.

— Tu consegues. Anda. Considera-o um momento histórico. Uma coisa maluca para riscar da tua lista de coisas a fazer antes de morrer.

— Maluca é a palavra certa — murmurou Shelby, enquanto prosseguia a cambalear com a amiga, desejando estar ainda a usar os seus sapatos confortáveis e o familiar fato de linho cuja saia ia mesmo até abaixo do joelho. Mas não. Estava a entrar numa *sex shop* com sapatos sensuais calçados e um vestidinho preto justo que Hannah lhe emprestara, com uma racha que ia desde a bainha no joelho até meio da coxa. Elas eram da mesma altura, mas, enquanto Hannah era magra e atlética, Shelby tinha curvas bem definidas, às quais o tecido de licra e algodão se agarrava como plástico.

Estava também a usar uma tanga para fugir às marcas das cuecas e tinha as pernas nuas. O que, considerando que Shelby estava habituada a collants, era uma



experiência especialmente desconcertante, uma vez que ela adivinhava uma brisa em locais onde habitualmente não a sentia.

A sério, porque tinha ela dado ouvidos a Hannah? Porque agora Shelby estava a ponto de entrar numa loja de brinquedos sexuais vestida como se fosse comprar produtos para a sua profissão.

— Ficas a dever-me um grande favor — disse ela a Hannah.

— É justo. Entra. Já são quase 19 horas e temos de voltar para a baixa para nos encontrarmos com as miúdas às 20 horas.

A festa de despedida de solteira era para Celia James, uma das secretárias da Brandywine Finance & Consulting, a empresa onde Shelby trabalhava como consultora financeira e Hannah como advogada. Era uma festa moderada, a meio da semana, pois as amigas da universidade de Celia tinham-na levado a Cancun para a sua festa oficial. Quando Shelby dissera a Hannah que a roupa de trabalho — ou até umas calças de ganga e um blazer — seria perfeitamente adequada, Hannah invocara o direito de veto de melhor amiga.

— OK — dizia agora Shelby. — Mas não vou ficar até tarde. Tenho de trabalhar amanhã.

— Todas temos de trabalhar amanhã — retorquiu Hannah, segurando-lhe a porta de vidro para ela entrar. — Anda.

Com um suspiro, Shelby fez o que lhe mandavam, esbugalhando os olhos quando se encontrou no centro da sala cavernosa a olhar para as montras. Paredes de vibradores e dildos. Caixas de lubrificante. Secções com algemas, vendas e outras amarras. E cabedal. Muito cabedal.

Uma mulher com um sorriso amigável saudou-as perguntando se precisavam de ajuda, mas Hannah assegurou-lhe de que estavam bem. Shelby não disse nada, apesar de talvez ter emitido um pequeno som. Não é que ela fosse puritana. Ela já fizera sexo — e nem sequer se limitara à posição do missionário.

Mas tudo isto era tão tremendamente *público*.

Primeiro, manteve-se junto a Hannah. Mas, quando a amiga chamou a vendedora, pedindo-lhe que lhe explicasse as vantagens e desvantagens de vários vibradores, Shelby afastou-se, encontrando-se junto a uma montra com algemas de cabedal, uma venda de pelo e um rolo de algo que se assemelhava a fita adesiva elétrica.

Mordiscou o lábio inferior enquanto o seu olhar passeava pela montra. Um formigueiro agradável começou a fazer-se sentir abaixo do umbigo, e ela tentou imaginar-se nua na cama, a máscara sobre os olhos, os braços presos à cabeceira.

Quase conseguia sentir a pressão das mãos ásperas e fortes de um homem sobre ela, à medida que vagueavam sobre a sua pele até a agarrarem pela cintura, seguida pelo calor da sua boca nos seus seios quando ele...

— Posso ajudar?

Shelby gemeu e depois balançou nos saltos, tentando recuperar o controle.

— Eu... hum... não. Estou só à espera da minha amiga.

— Esteja à vontade para ver — disse a vendedora. — E se precisar de alguma ajuda, por favor diga.

— Oh. Claro. Absolutamente.

Quando a mulher começou a virar costas, Shelby surpreendeu-se a si mesma dizendo:

— Já agora, o que é isto? — Apontou para o rolo de fita adesiva elétrica. — Isso não magoa?

A mulher abanou a cabeça, mantendo a expressão simpática e profissional.

— Só se cola a ela mesma. Por isso, não se cola à pele nem deixa resíduos — disse. — Muito mais transportável do que algemas e infinitamente mais versátil.

— Ohhhhh! — disse Hannah, chegando por trás dela. — Dê-me um rolo, por favor. — Piscou o olho a Shelby. — Vamos assegurar-nos de que a Celia tem a melhor lua de mel de sempre. E depois acho que vou eu experimentar — disse ela à vendedora.

— Perfeito. Venham ter comigo à caixa quando quiserem.

Hannah assentiu e deu um encontrão a Shelby.

— Estás à procura de qualquer coisa para ti? Quero dizer, sempre tens o Alan, certo...

Shelby franziu o sobrolho, pensando em Alan Lowe, o professor assistente com quem namorava desde que a mãe o apresentara há três meses, garantindo que os dois faziam um casalinho perfeito. E faziam mesmo. Alan era doce, educado e atencioso. E das duas vezes que tinham dormido juntos tinha sido bastante agradável. Mas...

Ela abanou a cabeça.

— Não creio que fita para *bondage* seja a cena do Alan.

Os lábios de Hannah apertaram-se, num sinal evidente de que ela refreava um sorriso.

— O que foi?

— Só achei a escolha de palavras interessante. Não é a cena do *Alan*? Isso quer dizer que é a tua?

Shelby revirou os olhos.

— Oh, por favor — disse ela. — Paga lá e vamos embora daqui.

Hannah consultou o relógio de pulso.

— Merda, temos mesmo de ir andando. — Enquanto se apressava em direção à caixa, Shelby deitou mais uma olhadela às algemas e à fita.

*Decididamente*, não era a cena de Alan, mas embora nunca tivessem de facto falado em ser exclusivos, Alan era o único homem nas redondezas de Shelby.

Então quem era o homem na sua pequena e deliciosa fantasia? E já agora, porque estava ela a fantasiar sequer? Sentia-se perfeitamente feliz com Alan e a sua não-relação descontraída. Talvez estivessem a ir mais devagar do que era habitual nos dias que correm, mas não havia nada de errado nisso.

— A respeito do Alan — começou Hannah, assim que elas entraram no carro para se dirigirem à baixa. — É óbvio que ele não anda a atar-te e a foder-te como um louco...

— Hannah!

— ... por isso, o que é que se *passa* entre vocês os dois?

— Oh, meu Deus — disse Shelby, um pouco desconcertada por a pergunta de Hannah tocar na sua dúvida íntima. Mesmo que fosse de uma forma completamente mortificante. — És impossível.

— Eu sei. Sou mesmo. É fácil provocar-te. Mas a pergunta é legítima. Há semanas que não temos oportunidade de falar a sério. Queria mesmo saber o que se passa contigo.

Shelby encolheu os ombros, apaziguadora.

— O Alan é ótimo. É o homem perfeito. Esperto. Atraente. E está a fazer carreira na universidade. — Alan era professor assistente na UT, no departamento onde a mãe de Shelby ocupava uma posição de professora no Departamento de Estatística e Ciências de Dados. E o pai, que era um estatístico de alto nível no estado do Texas, gostava bastante de Alan.

— A minha mãe diz que ele poderá chegar a diretor do departamento, um dia — acrescentou Shelby.

— E?

— E o quê?

— Oh, vá lá, Shel. Esquece a fita de *bondage*. Ele mexe contigo?

Shelby fez um sorriso afetado.

— Mexe o suficiente. E, seja como for, uma boa relação é mais do que sexo.

Alan era amável, esperto, bem informado, e os dois gostavam de muitas das mesmas coisas, como concertos, filmes clássicos e noites tranquilas em casa.

Em suma, Shelby e Alan faziam sentido. Da mesma forma que uma equação equilibrada fazia sentido. E tal como na matemática, Shelby conseguia ver a forma como a fórmula se desenrolava. Mais dois meses a saírem casualmente e depois falariam em exclusividade. Seis meses depois, ficariam noivos. Casariam no verão e no próximo inverno ela seria a Sra. Alan Lowe.

Hannah lançou um olhar rápido a Shelby, antes de olhar para o espelho e mudar de faixa.

— Eu só... deixa lá.

— O quê?

— Nada. Juro. É só que... não quero que te acomodes.

— Sair com o Alan *não* é acomodar-me. Ele é o tipo de homem que dará um marido e pai perfeito.

— Vão casar?

— Bem, não agora, obviamente. Mas acho que o Alan preenche todos os requisitos.

As sobrancelhas de Hannah ergueram-se.

— Preenche o *teu* requisito?

— Como assim?

— Só quero que te divirtas.

Shelby sentou-se mais direita.

— Eu divirto-me. Só porque não durmo com tudo o que mexe não quer dizer que não me divirta.

— Oh, diabo — disse Hannah. — Sabes que não me referia a isso.

Shelby afundou-se no assento.

— Bem sei — disse ela. E sabia. Toda a vida tivera de lidar com amigas bem-intencionadas que a viam como envergonhada, ou sossegada, ou aborrecida, ou demasiado inteligente para ter aptidões sociais. E talvez fosse verdade. Mas isso não significava que ela não fosse feliz, porque era. Feliz, ambiciosa e bem-sucedida.

Mais do que isso, Shel sabia exatamente o que queria, tanto na carreira como na vida.

Em termos profissionais, Shel ficara obcecada por números desde a primeira vez que o pai a sentara e lhe ensinara a tabuada. O funcionamento dos números, o que representavam, a simplificada beleza da verdade que estes representavam.

A contabilidade assentava-lhe na perfeição. Não só estava a ajudar pessoas e empresas, como podia interagir naquele mundo finito que sempre fazia sentido. Porque ao fim e ao cabo — pelo menos no mundo dos contabilistas —, dois mais dois era sempre igual a quatro.

Quanto à sua vida, queria um lar como aquele em que crescera, com respeito e segurança, e um companheiro que fosse ambicioso e leal para a sua família. Alguém que levasse a vida e as relações a sério.

Shelby sabia muito bem o que poderia correr mal se não seguisse aquela linha. O irmão da mãe — o tio — nunca tivera qualquer tipo de ambição, e acabara divorciado e em reabilitação depois de a sua banda se ter separado.

E a prima Violet, do lado do pai, tinha perdido o interesse e casado com um comediante que a convencera de que iria ser a próxima estrela de uma *sitcom*. Agora

passavam o tempo a discutir, no minúsculo apartamento em Los Angeles onde viviam com três filhos. E o marido geria um restaurante de *fast-food* local.

Mas a Shelby não. Ela não ia ser estúpida em relação à sua vida — e não ia sucumbir ao que parecia ser uma maldição familiar. Os pais tinham conseguido encontrar o caminho certo e ela tencionava seguir-lhes os passos.

Talvez não parecesse *sexy*, mas, para Shelby, o tipo de segurança financeira, vida organizada e afeto familiar de que os pais partilhavam era o que definia uma vida bem vivida. O tipo de vida que ela queria para si própria.

O tipo de vida em que se encaixava perfeitamente um homem como Alan.

Então, porque estava ela a fantasiar com acessórios de *bondage*? Sobretudo quando o homem anónimo na sua fantasia era absolutamente, a cem por cento, *não* Alan Lowe?

— Oh, meu Deus! Vocês são terríveis, meninas! — Celia retirou o vibrador púrpura e a fita adesiva para *bondage* do saco cor-de-rosa com *Futura Noiva* estampado de lado, depois ergueu-o no ar para toda a gente ver. E não apenas as convidadas da despedida de solteira. Para profundo embaraço de Shelby, quase todos os clientes, empregados de mesa e de bar no The Fix on Sixth também se viraram para olhar.

— O Brian vai adorar a nossa noite de núpcias. Obrigada às duas — acrescentou Celia, oferecendo o seu sorriso de esguelha e embriagado a Hannah e Shelby.

— Hum, Celia? — Shel puxou a manga da colega de trabalho. — Todo o bar está a olhar.

Mas Celia limitou-se a rir, libertou o braço e brandiu a enghoca púrpura de forma ainda mais selvagem acima da cabeça.

— Vá lá, Shel — disse Celia, enrolando as palavras. — Vou-me casar. Ninguém se importa com isto. — Bateu com a ponta de silicone do vibrador no peito de Shel. — Só estão felizes por mim. Até eles — acrescentou, usando o brinquedo sexual para apontar, enquanto varria a sala com o braço, abrangendo todas as mesas na área principal do The Fix.

Alguns dos clientes riram-se abertamente, mas, na sua maioria, tiveram a delicadeza de desviar o olhar da embriagada e louca futura esposa. E Shelby — já demasiado mergulhada no caos para voltar atrás — decidiu que chegara a altura de deixar a festa ou desistir de toda a pretensão de decoro.

Pesou ambas as opções apenas por um segundo, e depois escolheu.

— Passa-me o jarro, pode ser? — pediu ela a Hannah, sendo saudada por gritos de aprovação. — Preciso *tanto* de outra bebida.

O grupo de seis mulheres comemorava a despedida de solteira na grande mesa perto da montra do The Fix, mesmo ao lado do mural colorido que representava Austin. Elas tinham uma vista fabulosa para os transeuntes da Sixth Street, muitos dos quais abrandavam para ver a bonita noiva com a sua tiara espalhafatosa, cravejada com a palavra NOIVA. Já para não falar da diversificada seleção de doces e bolos anatomicamente corretos que pontilhavam a mesa, cortesia da Bolos Atrevidos, uma pastelaria local.

Depois de Celia terminar de abrir todos os presentes e de as raparigas terem devorado um prato de *cupcakes* em forma de pénis, já tinham chegado ao fim os três jarros de *Pinot Punch* — uma mistura de vinho, *Schnapps* e pêssego gelado que o empregado de bar jeitoso lhes garantira que iam adorar. E não tinha mentido, de maneira que o líquido nos jarros diminuiu e o nível de barulho aumentou, numa relação quase matematicamente previsível.

O ruído no pequeno canto do The Fix tinha aumentado para um nível bem elevado.

— Estou a falar a sério — Shelby assegurou à arrebatada audiência de mulheres embriagadas. Ela ajustou os óculos, depois bebeu outro gole do seu quarto — não, quinto — copo de ponche, para depois prosseguir com a história que estava a contar acerca de um cantor local de *country* que lhe pedira conselhos pouco depois de ela fazer o exame final. — Ele disse-me que eram despesas de trabalho. Disse que eles o relaxavam para que ele pudesse ouvir a música na cabeça.

— Tampões anais? — perguntou Celia, os olhos esbugalhados. — Tampões anais vibratórios eram a sua musa?

— Queres dizer isso um pouco mais alto? — disse Leslie, a responsável pelos salários. — Não me parece que a mesa mais afastada de nós te tenha ouvido.

— O que fizeste tu? — perguntou Celia.

— Nada. Já disse que ele estava só a querer engatar-me numa festa. Mas já não consigo ouvir a música dele. Pelo menos sem imaginar como foi composta.

Hannah riu-se tão alto, que quase roncou.

— Não acredito que nunca me tenhas contado essa história.

Shelby encolheu os ombros. Na verdade, ela nem conseguia acreditar que estava a contá-la agora. Mas tanto a sua mente como a sua língua pareciam agradavelmente soltas. Sabia que era o ponche — na maior parte das vezes, não bebia nada mais forte do que *Perrier* e lima quando saía. Não só detestava ter de depender de alguém para chegar a casa — fosse um amigo ou um táxi ou uma aplicação de boleia partilhada —, como simplesmente não gostava de se sentir sem controlo.

Mas aquela era uma ocasião especial, e sabia bem rir-se e beber e divertir-se com as amigas.

— Estou tão feliz por ti — disse ela, inclinando-se para Celia.

— Obrigada! E eu sei...

Celia interrompeu-se, com os olhos arregalados, agarrando o pulso de Shelby.

— Não olhes para o balcão — sussurrou ela. — Mas aquele tipo está outra vez a olhar para ti.

— A sério? — Ela estava de frente para a montra e teve de se torcer no assento para ter uma vista do comprido balcão de carvalho paralelo à parede interior da sala principal do bar.

Celia puxou-a de volta.

— Eu disse para não olhares!

— Oh, certo — disse Shelby, mas sentiu as faces a enrubescer porque olhara o suficiente para ver que o tipo giro com o cabelo curto escuro e olhos acinzentados estava realmente a olhar na sua direção. — Ele não está a olhar para mim — protestou.

— Por favor, amiga — disse Hannah, juntando-se a elas. — Está mesmo. E por que razão não havia de estar? Estás boazona. O vestido é admirável. Bem como o teu cabelo e a maquilhagem, se me permites dizê-lo.

Hannah vivia num dos muitos prédios que tinham surgido em Austin durante a última década. Em vez de irem diretamente para o The Fix depois da Forbidden Fruit, ela insistiu numa paragem rápida durante a qual trocara a sua saia curta por calças de ganga muito justas e um corpete de seda sem costas. A seguir, retocara a maquilhagem de Shelby e depois fizera um pouco de magia com o cabelo.

— Podemos estar dez minutos atrasadas — disse ela. — Mas vamos fazer uma entrada dos diabos.

Antes, Shel prendera o cabelo ao alto, de modo a que algumas madeixas enquadrassem o seu rosto. Tinha ficado feliz com o efeito e pensara que Hannah aprovaria.

— É ótimo — assegurou-lhe Hannah, enquanto a libertava dos ganchos e aquecia o ferro de frisar. — Mas assim vai ficar melhor.

E estava. Ela soltou o cabelo escuro de Shelby ao comprimento dos ombros, depois começou a encaracolar cada mecha de cabelo com um ferro de enrolar de largo diâmetro. O resultado fora uma massa de caracóis que lhe enquadravam o rosto e abanavam quando ela caminhava.

— Até os óculos te ficam bem — acrescentara Hannah, inclinando a cabeça e examinando Shelby com ar crítico. — As cores de água são divertidas e fazem sobressair o azul dos teus olhos. — Os olhos de Shelby eram cor de avelã e tendiam a refletir a cor do que ela tivesse vestido.

Agora, no The Fix, Hannah olhou-a de novo de modo aprovador.

— Acho que foram os óculos combinados com esse vestido fantástico que lhe chamaram a atenção. Não tens de quê, a propósito. Dá-te um aspeto de marrona atrevida.

— Percebes que parece que estás a escolher uma atriz para um vídeo pornográfico, certo? — protestou Shelby, provocando uma gargalhada em todas as raparigas da mesa.

— Seja como for — disse Celia. — Mas a Hannah tem razão. A questão é que o Sr. Borracho gosta. Quer dizer, viste a forma como ele estava a olhar para ti? Como se quisesse literalmente comer-te.



O rosto de Shelby ficou quente e corado.

— Foi porque me deste para a mão o estúpido vibrador. Ele olhou na nossa direção no mesmo momento em que eu agarrei naquilo. — Ela tinha estado a agarrar o instrumento púrpura com as duas mãos e deitou um olhar para ver os olhos do Sr. Borracho presos nela. Acinzentados e profundos, com o género de pestanas compridas pelas quais algumas mulheres pagariam bom dinheiro. *Olhos de cama*, pensou Shelby, para depois rapidamente banir o pensamento ridículo.

Lembrou-se do modo como os cantos da boca dele se levantaram quando a olhou — já para não falar no correspondente puxão que ela sentira dentro de si. Desviara o olhar, repentinamente instável e com a boca seca e insegura.

— Ele estava a rir-se de mim — disse ela —, não a desejar-me. — Mas o protesto soou a falso até aos seus próprios ouvidos. Houvera decididamente uma faísca entre eles. Mas isso não significava que Shel fosse fazer alguma coisa acerca disso. E mesmo estando inclinada a puxar o fio, francamente não sabia o que fazer ou como fazê-lo.

— Bem, agora ele não está a rir-se — disse Celia. — Há desejo a sério naqueles olhos.

— Devias ir falar com ele — disse Hannah.

Um choque de terror irrompeu por Shelby.

— Estás louca?

— A Hannah tem razão — disse Celia. — Devias.

Shelby tentou abanar a cabeça, mas o que lhe saiu foi mais um menear trémulo de queixo.

— Nem pensar. *A sério*, Nem. Pensar. Raios.

— Oh, vá lá, Shelby. É óbvio que ele está interessado. — Hannah bateu-lhe no ombro. — Vou contigo, se quiseres. Ele está ao balcão. Podemos ir pedir uma bebida. Começas a falar.

— Uma bebida? Mais uma bebida e eu flutuo daqui para longe. Na verdade, preciso de ir à casa de banho. — A combinação de álcool e nervos tornou a necessidade mais premente e o estômago dela começou a incomodá-la. — Oh, Deus — disse ela, levando a mão à boca à medida que se levantava e cambaleava em direção às traseiras do bar.

— Oh, diabo. — Foi o que Hanna disse imediatamente, ao que se seguiu o arrastar de uma cadeira. E logo a amiga se juntou a si, para juntas se apressarem em direção à casa de banho. Shelby lutava contra uma vontade de rir ridícula, porque aquilo *nunca* lhe tinha acontecido. E, apesar da situação embaraçosa em que se via, o facto é que estava a passar um verdadeiro bom bocado.

Chegaram à casa de banho e Shelby empurrou a porta, que era mais leve do que ela contava e se abriu para trás batendo contra a parede, fazendo Shelby dar

um salto e provocar um pequeno grito em alguém no interior. Olhou para Hannah e começaram a rir como loucas.

— Anda — disse Hannah, passando o braço em torno da cintura de Shelby e conduzindo-a lá para dentro. Shelby cambaleou e, ao levantar os olhos para Hannah, sentiu a cabeça a andar à roda.

— O chão está a mexer-se — anunciou ela, apercebendo-se de repente de quanto bebera. Não dera por isso enquanto estava sentada. Mas agora, de pé e a andar... *cuidado com ela.*

Inspirou profundamente, mas o oxigénio adicional não ajudou muito. Ergueu a cabeça, olhou para os quatro olhos de Hannah e disse de modo tão vagaroso e claro quanto conseguiu:

— A culpa é toda tua.

Do outro lado do pequeno aposento, ouviu um ofegar seguido por:

— Shelby?

Shelby piscou os olhos e tentou focar o olhar na bonita loura em pé junto ao lavatório. Depois de levar um segundo a reconhecê-la, Shelby abriu um sorriso tão grande que quase doeu.

— Brooke Hamlin!

Cambaleou em direção à outra mulher, abriu os braços e apertou-a num abraço.

Shelby tratava dos impostos da família Hamlin desde antes de se formar. Tecnicamente, o seu antigo patrão era o contabilista do juiz Hamlin, mas Shel tratara das questões mais delicadas e encontrara-se com todos na família em mais do que uma ocasião.

Na verdade, ela e Brooke tinham mais ou menos a mesma idade, e tinham almoçado juntas uma ou duas vezes depois de tratados os impostos.

Shelby acrescentou um aperto extra ao seu abraço trapalhão.

— Não é a melhor festa? — disse ela, esquecendo-se de que Brooke não estava realmente na festa delas, até esta responder com um dúvida:

— Hum, sim?

A seu lado, Hannah ria-se, ao mesmo tempo que estendia a mão a Brooke para a cumprimentar.

— Hannah — disse, em jeito de apresentação. — Também conhecida pela baby-sitter de Shelby.

— Nada disso — retorquiu Shelby, tencionando explicar por que razão não precisava de uma babysitter. Infelizmente, subiu-lhe à boca um pouco de *Pinot Punch* juntamente com as palavras, o que a levou a tapar a boca e cambalear para um cubículo livre, fechando a porta atrás de si antes de se acocorar, traída pelo seu estômago.

Ficou de cócoras, a respirar pela boca, para o caso de o estômago decidir ir a outro *round*. Fora do cubículo, ouvia Brooke e Hannah a conversar, revirando os olhos ao comentário de Brooke de que devia ter havido uma invasão extraterrestre, porque:

— Esta não é a Shelby.

— Não é fantástico? — perguntou Hannah, numa voz positivamente inebriada. — Estamos aqui para a festa de despedida de solteira de uma amiga e eu disse à Shel que ela devia soltar o cabelo.

— Tu és má — gritou Shel do cubículo.

Hannah, risonha, retorquiu de imediato:

— Mas tu adoras-me.

Enquanto Hannah e Brooke continuavam a falar, Shel recompôs-se, surgindo finalmente quando se certificou de que havia um entendimento entre ela e o ponche que lhe enchia o estômago.

— Ooooh — disse ela, dirigindo-se para o lavatório e para o dispositivo com copos complementares para lavar a boca. — Já me sinto melhor.

E sentia, realmente. A sala estava a andar menos à roda e a sua cabeça estava muito mais alerta. Assim que bochechou e cuspiu, sentiu-se positivamente mais humana.

Os lábios de Hannah contraíram-se e Shelby apontou-lhe um dedo acusatório, mas Hannah limitou-se a esconder o seu riso atrás de um falso ataque de tosse, antes de se virar para Brooke e lhe perguntar se gostaria de se juntar a elas.

— Não, obrigada. Tenho de ir andando.

— Tens a certeza? — Shelby pôs-lhe um braço em redor do corpo. — Porque é mesmo fantástico ver-te.

— A ti também — disse Brooke, e, da maneira como ela se riu, Shel estava certa de que Brooke achava que ela ainda estava bêbeda. E talvez estivesse. Um bocadinho, pelo menos.

— Vamos — acrescentou Brooke. — Saio convosco.

Caminharam juntas, movendo-se através da multidão em direção ao canto da frente onde o risonho grupo festeiro de bebedoras da despedida de solteira acenava agora a Shelby e a Hannah, incitando-as a apressarem-se porque o empregado de bar, Cam, acabara de levar mais dois jarros daquele ponche delicioso e perigoso.

É claro que o caminho mais curto era seguir paralelamente ao balcão, colocando-a mesmo em frente ao grupo de homens com o qual o Sr. Borracho tinha estado.

Shelby disse a si mesma que não iria olhar, mas a verdade é que não se conteve e deu por si a esbarrar em Brooke, ao mesmo tempo que alcançava o braço de Hannah e a puxava para a parar.

— Ele ainda aqui está — sussurrou ela, deitando um olhar sub-reptício em direção ao Sr. Borracho.

— Pensas que ele... *oh, merda*. Ele está a olhar para cá.

*Aqueles olhos*. Tinha-a completamente dominada com aqueles olhos maravilhosos. E, sim, Shelby estava ainda um pouco embriagada, mas sentiu o impacto daquele olhar até aos dedos dos pés. E estava bastante certa de que não era por causa do álcool.

— Vai falar com ele. — Hannah deu-lhe um pequeno empurrão, mas Shelby não estava para se mexer. — É óbvio que ele reparou em ti. E tu reparaste *tanto* nele.

— Quem? — perguntou Brooke, fazendo Shelby rodar para a encarar, mortificada por mais alguém além de Hannah poder ter testemunhado aquele momento de desejo.

— Ele — disse Hannah. Mas, antes que pudesse levantar um dedo para apontar, Shelby puxou-lhe o braço para baixo, quase perdendo o equilíbrio. Saltos de dez centímetros e *Pinot Punch* não eram uma combinação segura.

— Não apontes! Aquele tipo giro ali — disse ela a Brooke. — Com o cabelo curto e uma t-shirt *As melhores manhãs são a acordar com o Wood*.

Foi quando Brooke fez o impensável. Ergueu a mão e acenou ao homem.

— Oh. Meu. Deus. — Shelby queria desfazer-se no chão naquele preciso momento. Seria Brooke louca? — Porque lhe estás a acenar?

Brooke encolheu os ombros, totalmente perplexa.

— É meu amigo. Chama-se Nolan Wood. E a t-shirt foleira é o nome do seu programa: *Manhãs com Wood*. Ele faz comentários disparatados numa das estações de rádio locais.

— Conhece-lo?

— Casualmente. Ele namorou com uma amiga minha.

— Oh. — Uma desconcertante onda de desilusão aplacou-se sobre Shelby. Ridículo, porque não é que ela tencionasse sair com o homem. Ele era apenas muito agradável ao olhar.

— Agora está solteiro, acho eu — continuou Brooke, com um pequeno sorriso a sugerir que tinha percebido o desapontamento de Shel. Mas Shel não tinha ficado desapontada.

Mesmo.

— Vai lá e pronto — instou Hannah, antes de se virar para Brooke. — Estou farta de lhe dizer para se ir apresentar e dizer olá.

Brooke olhou de Hannah para Shelby.

— Eu posso apresentar-vos.

Ela disse algo mais depois disso, mas aquelas três palavras ocuparam todo o espaço no cérebro de Shelby e ela não ouviu mais nada até Hannah lhe dar um pequeno empurrão na direção dos homens.

— Sim. Perfeito. Vai.

— Mas...

— Vai! — repetiu Hannah, quando a banda no palco do outro lado da sala acabava a sua atuação e as pessoas começavam a mover-se em direção ao bar.

— Vamos todas — disse Brooke, começando a abrir caminho entre a multidão crescente. Shelby seguiu-a durante um momento, mas depois os nervos levaram a melhor e deixou-se ficar para trás, apesar da instigação persistente de Hannah.

Depois de um momento, Brooke parou, virou-se e dirigiu-se de volta a Shelby e a Hannah com um sorriso divertido a brincar nos lábios.

— Não posso acreditar que ias direitinha a ele — disse Shelby.

— Bem, pensei que ia contigo — replicou Brooke. Disse outra coisa também, mas um barulhento rapaz de uma fraternidade a gritar para o amigo bloqueou tudo menos as últimas palavras de Brooke.

— Ele não morde.

— Pelo menos até tu lhe pedires — gracejou Hannah.

— Não posso mesmo — disse Shelby. — Quer dizer, não é... — Abanou a cabeça e inspirou profundamente. — Não costumo ser tão ousada. Tu és? — perguntou ela, desejando entrar na cabeça de Brooke. A outra mulher parecia tão confiante.

— Eu?

Shelby assentiu.

— Sim. Alguma vez porias a precaução assim para trás das costas?

A expressão de Brooke tornou-se melancólica. E talvez um pouco triste.

— Já pus — disse ela. — Já o fiz.

— Oh — Shelby e Hannah trocaram um olhar. — O que aconteceu?

Brooke pestanejou.

— Apaixonei-me — disse ela, com a voz plena de emoção.

— Cuidado — brincou Hannah. — Podes assustá-la.

Brooke abanou a cabeça como se quisesse limpar os pensamentos, e depois sorriu a Shel.

— Vai falar com ele. — Começou a erguer a mão para fazer sinal ao Sr. Borracho, mas depois estacou. Durante um momento, limitou-se a ficar ali de pé, e Shelby acabou por perceber que ela estava a olhar para um homem de barba bem-parecido com um copo de uísque na mão.

Voltou-se outra vez para Shelby e Hannah, com uma expressão um pouco chocada.

— Esqueci-me de uma coisa na casa de banho. Vão andando. O Nolan é um moço muito simpático. Vai-te apresentar.

— O que... — começou Shelby, mas Brooke apressou-se a partir antes que ela tivesse terminado a pergunta, e Shelby foi deixada de pé junto a Hannah mais do que um pouco perplexa.

— O que se passou? — perguntou Hannah, mas Shelby só conseguiu encolher os ombros.

— Anda. A Celia deve estar a perguntar-se o que andaremos nós a fazer.

— Oh, não — disse Hannah, agarrando o pulso de Shelby. — Só porque perdeste a tua ajudante, isso não significa que tenhas de abandonar a tua missão.

Shelby pestanejou, com a mente demasiado confusa para abarcar as palavras de Hannah.

— Quer dizer, *vai!* — disse Hannah. — És uma mulher lindíssima, inteligente e interessante, movida a coragem líquida. Não há razão para que não possas caminhar até ao homem, sorrir-lhe e perguntar-lhe se te quer pagar uma bebida.

— Mas...

Hannah colocou a mão na anca e mirou Shelby de cima a baixo.

— Mas o quê?

Shelby tencionava dizer que não precisava de outra bebida. Em vez disso, abanou a cabeça.

— Nada.

Engoliu em seco e olhou em direção ao homem. *Nolan*. Brooke tinha dito que ele se chamava Nolan. Ele mudara de posição para abrir espaço para os recém-chegados ao balcão, por isso já não estava a olhar na sua direção. Mas como se sentisse os olhos dela nele, inclinou a cabeça um pouco para o lado. E depois, muito lentamente, olhou por cima do ombro.

*Trás!*

Os seus olhos encontraram imediatamente os dela e, naquele instante, ela esqueceu-se de respirar. O peito apertou-se e ela sentiu um formigueiro na pele, por causa da eletricidade que se formou entre eles. E por um momento ofegante e maravilhoso, ela perdeu-se na fantasia do seu toque. As mãos dele na sua cintura. A sua respiração no seu pescoço. Os lábios dele na sua boca.

*Caramba, estava mesmo embriagada!*

O pensamento abateu-se sobre ela e deu um passo involuntário atrás. E só quando cambaleou no raio daqueles saltos de dez centímetros é que ela compreendeu que ele se movera do lugar que ocupava ao balcão para ficar mesmo diante dela. Estendeu o braço, com uma mão a tomar-lhe o cotovelo e a outra a deslizar em torno da sua cintura para a impedir de cair. Como se ela não se tivesse já espatifado no chão.

— Eu ajudo — disse ele, a voz rica e baixa tão íntima como uma carícia.

Uma parte minúscula da sua mente sóbria argumentou que Hannah regressara à festa. Que ela estava sozinha com Nolan. Que Nolan a estava a agarrar e provavelmente a sentir o seu coração bater.

Que esta era a sua oportunidade — e que ela estava verdadeiramente segura de que não voltaria a ter outra.

Inspirou, trémula, enquanto reunia coragem para proferir as palavras perfeitas para aquele momento perfeito.

— Desculpe — desabafou ela, pois tanto o intelecto como a coragem lhe haviam falhado por completo. — Mas por favor largue-me.

## CAPÍTULO 4

Nolan estava encostado ao balcão, com uma garrafa de cerveja na mão e os olhos num paradoxo de cabelo escuro.

Cliente habitual do The Fix, tinha lá ido nessa noite para se livrar do sabor amargo que lhe ficara na boca desde que Connor lhe dera notícia acerca de Lauren estar na cidade. A cerveja não ajudara em nada, mas a rapariga... *uau*.

Não era todos os dias que uma mulher captava a atenção de Nolan de modo tão absoluto.

E não era *realmente* todos os dias que uma mulher fugia dele. Pelo contrário, desde que a estação de rádio expusera o seu rosto em alguns cartazes e Connor estabelecera as passagens ao vivo nas suas contas das redes sociais, não passava um dia sem que ele recebesse uma proposta.

Bom para o ego — menos quando não era. Porque Nolan sabia muito bem que aquelas mulheres apenas queriam um pouco do seu estatuto de celebridade, por pouca e localizada que ela fosse.

Isso e o seu pénis.

Mas esta rapariga, não...

Aparentemente, ela não o queria para nada. Apesar de passar grande parte da noite a deitar-lhe olhares e a enrubescer num bonito tom rosado.

A rapariga era um paradoxo, isso era certo. Um paradoxo que ele desejava desesperadamente resolver.

— Terra para Nolan. Continuas connosco, pá?

Nolan olhou de relance para Reece Walker, que se colocara ao seu lado, de cerveja na mão.

— Conheces aquela rapariga? — Acenou em direção ao paradoxo de cabelo escuro. Tendo em consideração que Reece era o gerente do bar, se alguém a conhecesse, seria certamente Reece.

O gerente do bar passou a mão pelo couro cabeludo rapado enquanto estudava a cena.

— Desculpa. Nunca a vi cá. — Ele inclinou a cabeça, indicando o empregado de bar. — Perguntaste ao Cameron?

Nolan assentiu.



— Não tive sorte com ele também. Ele já viu algumas das raparigas uma ou duas vezes, mas não aquela de óculos azuis. — Deu um gole na cerveja. — Tudo bem — acrescentou ele, lançando um olhar irónico ao amigo. — Eu cá me arranjo.

Reece deu uma risada, mas não comentou. Nolan pensou que era melhor assim. Conhecia Reece quase desde sempre, na sua vida de adulto, desde que a meia-irmã de Nolan, Amanda, partilhara um quarto no dormitório com Jenna Montgomery, uma das melhores amigas de Reece. E, depois de tantos anos, Reece conhecia Nolan bastante bem.

— A propósito — perguntou Reece —, a Jenna falou contigo para anunciares o The Fix no teu programa?

Nolan confirmou com um aceno de cabeça.

— Apenas de passagem. Combinámos que ela vai passar pelo estúdio algures durante esta semana para falarmos de pormenores e revermos alguns efeitos de som para os *spots*. Mas a Amanda falou-me disso quando a encontrei em casa da minha mãe e do Huey no domingo.

Jenna estava com pressa quando lhe explicara que o bar enfrentava uma crise financeira e que lhes daria jeito a ajuda dele para anunciar algumas novas promoções e eventos para aumentar as receitas. Nolan dissera-lhe para contar com ele para o que fosse preciso e eles tinham planeado falar mais seriamente no estúdio da KIKX.

Depois de Amanda lhe contar os pormenores sobre o que Jen queria que ele promovesse, ele rira-se tão alto, que quase cuspira o uísque com água gaseificada que o padraço lhe preparara como aperitivo.

— E tens a certeza de que não haverá problema? — insistiu Reece. — Com a estação? Contigo? Dava-nos muito jeito a publicidade para o bar e para o concurso.

— Estás a brincar? É como uma avalanche de ouro para comédia. Gajos a desfilar em tronco nu pelo palco para entrarem num calendário. Contem comigo, sim, que diabo!

— Boa! Lembra-te de que a ideia é atrair a atenção dos clientes, não é assustá-los. Nolan ergueu uma mão na saudação dos escuteiros.

— Prometo tratar o assunto com o respeito que merece.

Reece revirou os olhos.

— Talvez devesse entrar no concurso. Isso é que seria mesmo divertido.

— Tens graça. Muita graça.

Reece limitou-se a dar-lhe uma palmada nas costas e agradecer-lhe a ajuda, dizendo depois a Cam para lhe oferecer as bebidas. Por vezes, era realmente bom ter amigos.

Mas, por enquanto, ele estava a desejar que o seu paradoxo de cabelo escuro não bebesse tanto. Continuava rodeada de raparigas em festa que não mostravam sinais de abrandar, apesar de ser quase meia-noite na véspera de um dia de trabalho.

Franziu as sobrancelhas amaldiçoando o bando de raparigas. Queria apanhá-la sozinha. Queria saborear aqueles lábios. Queria perguntar-lhe porque fugia, raios!

Colocou a garrafa vazia de lado, depois fez sinal a Cam para lhe trazer outra. Enquanto esperava, encostou-se para trás, com os braços cruzados sobre o peito refletindo a fundo no problema. Talvez devesse apenas ir-se embora. Talvez ela não estivesse nada interessada nele.

Mas depois ela virou-se e o olhar dela encontrou-o, antes de se desviar de novo, como se ele fosse o seu segredo proibido. Ele reprimiu um sorriso de autossatisfação. Porque se apercebera de algo. Ela estava a *fringir-se* difícil. Ela *era* difícil de conseguir.

E isso era tudo o que Nolan precisava de saber.

Lutando contra um sorriso, virou-se para pegar na nova garrafa que Cameron trouxera e fez um pedido novo. Um pouco de munições para o seu plano sob o impulso do momento.

Uns minutos depois, viu uma das empregadas de mesa aproximar-se da mulher de cabelo escuro com um copo alto cheio de gelo, um líquido claro e um toque de lima. O seu paradoxo franziu as sobrancelhas, em clara confusão, e ouviu a empregada que apontava na direção de Nolan. Depois, as sobrancelhas do seu paradoxo franziram-se e ela apontou para as amigas no seu grupo de mesas, agora sujas e repletas de copos vazios e jarros de *Pinot Punch* meio cheios.

Embora não conseguisse ouvir o que diziam, sabia que ela estava a protestar por já ter bebido o suficiente. E quando ele viu os lábios perfeitos naquela boca grande e belíssima a formar as palavras «Não posso», foi quase como se ouvisse o seu doce e sensual ronronar.

A sua amiga louira pôs-se a seu lado, enquanto a empregada de mesa explicava qualquer coisa. Ele viu o seu paradoxo franzir as sobrancelhas, claramente confusa, e depois viu o sorriso da amiga alargar-se no que podia ser apenas pura e insidiosa satisfação.

Depois, o paradoxo virou-se na sua direção e, quando os seus olhos se encontraram, ele foi arrebatado por uma onda de desejo tão puro, que quase abandonou o seu plano ridículo ali mesmo. Já passara muito tempo desde que ele desejara uma mulher com esta intensidade, e não estava certo de gostar do que sentia.

Por outro lado, talvez gostasse demasiado.

Junto às mesas da festa, a louira deu um pequeno encontrão ao seu paradoxo, fazendo-a cambalear para a frente, insegura naqueles saltos, que eram claramente seus inimigos apesar de fazerem coisas admiráveis pelas suas pernas e rabo.

Ela virou a cabeça, mas desta vez não para olhar para ele. Em vez disso, olhava na direção oposta, para trás, em direção às amigas que acenavam em bloco, incentivando-a e lançando-lhe olhares sub-reptícios quando ele fingia estar demasiado ocupado a retirar o rótulo da garrafa de cerveja para notar.

Mesmo assim, ao vê-la caminhar na sua direção, ele decidiu que gostava de todas as suas amigas e que, se o grupo não estivesse já embriagado, ele ter-lhes-ia levado uma nova rodada de bebidas. Mas, no caso, deu a Cam um cartão para um serviço de táxis que usava com frequência e disse ao empregado de bar para, embora mantendo-o anónimo, garantir que cada uma das raparigas tomava conhecimento de que o transporte para casa estava assegurado.

Ele virou-se mesmo a tempo de encontrar o seu paradoxo a caminhar os últimos metros na sua direção. Ele queria vê-la aproximar-se — o abanar discreto das ancas, a forma como os seus dentes mordiam o lábio inferior, a forma como fechava as mãos e depois enxugava as palmas naquele delicioso vestido preto *sexy* e justo — mas ela estava tão obviamente nervosa e confusa, que ele tinha de se dirigir a ela. Tinha de a sossegar. E, por isso, afastou-se do balcão e foi ao seu encontro a meio caminho, sentindo-se também ele estranhamente nervoso.

— Pagou-me um refrigerante — disse ela, e pelo tom era impossível perceber se estava a fazer uma pergunta ou uma acusação.

— Queria pagar-lhe uma bebida — admitiu ele. — Mas pensei que vinho ou ponche com *Schnapps* pudesse ser contraprodutivo.

— Oh. — Ela lambeu os lábios e ele teve de se agarrar à cerveja para não se curvar para a frente e provar aquela boca ali mesmo. — Em relação a quê?

— Em relação ao facto de eu querer beijar-te. — Ele queria fazer muito mais do que apenas isso, mas não queria afugentá-la. — E quando o fizer, quero-te sóbria.

— Oh — disse ela de novo. — Bem, é pena.

— O quê? — Ele reteve a respiração, com receio de que ela fosse dizer que não estava interessada nele ou na frase de engate.

Mas depois ele viu a garganta dela a mover-se enquanto engolia. E quando ela ergueu a cabeça e ele viu a coragem a reunir-se naqueles olhos azul-acinzentados, o seu sexo apertou-se em resposta a uma onda de desejo tão potente que quase o pôs de joelhos.

— Porque eu estou incrivelmente embriagada — disse ela finalmente. — E não quero esperar para ser beijada.

CAPÍTULO 5

Shelby esbugalhou os olhos e deu um passo atrás enquanto levava a mão à boca. *Ela tinha mesmo acabado de dizer aquilo? De certeza que ela não tinha dito aquilo.*

Mas tinha. Percebia-se pelo calor que assomara aos olhos dele em resposta às suas palavras — uma brasa que tinha ateado fogo de modo tão rápido e dramático como se ela tivesse atirado um fósforo para um depósito de gasolina.

Nunca mais. Nunca, mas *nunca* mais ia voltar a beber.

— Eu não... — começou ela, calando-se depois, insegura. Talvez não, mas era exatamente o que desejava.

— Tu não? — Havia pequenas linhas no canto dos olhos e ela soube que ele estava a trocar dela. E estranhamente, em vez de a irritar, a reação dele descontraiu-a. — E é pena se não o fizeres — prosseguiu ele. — Porque aposto que o fazes muito bem.

— Beijar? — perguntou, tão consciente da presença dele, que cada pelo no seu corpo parecia dançar com eletricidade. E os lábios dela... Oh, bom Deus, os lábios dela formigavam com promessas não respondidas, deliciosas e brilhantes e proibidas.

Ele inclinou-se mais para perto dela, com o hálito a fazer-lhe cócegas na orelha enquanto ele sussurrava:

— Tudo.

— Oh. — Ela engoliu em seco, perguntando-se como uma simples palavra tinha o poder de a derreter. E nem era uma palavra que fizesse sentido. Porque, de alguma maneira, eles já tinham perdido o fio à meada na conversa.

Ou será que não?

Ela não sabia. A sua mente estava toda atrapalhada... e ela *nunca* se atrapalhava. Shelby orgulhava-se de ser uma pessoa muito pouco atrapalhada.

Tinha de ser a bebida. Ela devia estar constrangida, não intrigada. Nervosa, não excitada. Mas havia qualquer coisa nele. Algo no modo como ele a olhava, na maneira como se sentia por estar assim de pé ao lado dele.

Com um esforço supremo, ela tentou continuar a conversa.

— Eu quero dizer que não costumo namoriscar.

— Verdade? Estou surpreendido. Sobretudo porque estás a fazer um ótimo trabalho. — Os seus olhos cinzentos dançaram enquanto ela erguia a cabeça, olhando-o de alto a baixo.

Ele sorriu, erguendo as mãos num gesto defensivo.

— Talvez seja o *Pinot Punch*. Aquilo bate mesmo.

Ela assentiu com seriedade, agradecida por ele compreender.

— Sim.

Ele deu mais um passo para se aproximar e ela respirou a sua água de colónia. Algo amadeirado com um leve toque de especiarias.

— Ou talvez seja eu — disse ele, e apesar de a sua voz ser baixa, ela percebeu cada palavra.

— É disso que tenho medo — admitiu ela.

Ele endireitou-se.

— De mim?

Ela abanou a cabeça.

— Não. De *mim*. — Lambeu os lábios e depois decidiu ser brutalmente honesta.

— Da minha reação a ti.

— Bem, não parece muito má. Mas se for realmente assustador, dá-me a mão e eu ajudo-te a atravessar.

Ela acabou por dar uma risada — Deus, era *decididamente* o álcool — e quase lhe deu a mão. Depois lembrou-se de que estavam a namoriscar em público, ali mesmo, com toda a gente a ver. Com o rosto a arder, ela olhou em redor, certa de que toda a gente estaria a olhar fixamente. Ou pior, a tirar fotografias do casal repleto de desejo e a gozar com eles por toda a Internet.

Mas a verdade é que toda a gente estava interessada na sua própria vida. Até as suas amigas já tinham parado de olhar — todas à exceção de Hannah, que, não estando propriamente de olhos fixos neles, parecia estar a olhar por Shelby. E quando sentiu o olhar de Shel sobre si, sorriu e fez-lhe sinal com o polegar.

Por isso, tudo bem. Aparentemente, Shelby não chegara ao cúmulo de se envergonhar a ela e às amigas.

— Quanto tempo vai durar a vossa festa? — perguntou ele, aparentemente notando a mudança da sua atenção.

— Não muito mais. É noite de semana. Temos todas de estar no trabalho pelas 9 horas. — Ela puxou um caracol perdido para trás da orelha. — Bem, algumas conseguem safar-se pelas 10 horas.

— Cedo, então — disse ele, com um sorriso que ela não compreendeu. — O meu programa *termina* às 10 horas — disse ele, obviamente notando a sua confusão. — Começa às 6 horas. Por isso, eu estou no estúdio pelas 4h30, para me preparar, embora, por vezes, possa aparecer às 5 horas, sem problema.

— É verdade. És uma celebridade da rádio.

— Conheces o meu programa?

Ela abanou a cabeça rapidamente. *Manhãs com Wood* parecia demasiado pateta para o gosto dela. Sobretudo quando ainda estava a tentar começar o dia.

— A Brooke falou nisso.

— Ah.

Ridículo, mas ele parecia desapontado.

— Eu quase só ouço *podcasts* — disse ela, como se a justificar o facto de não ser sua ouvinte. — Formação contínua. — O que era cerca de 46 por cento da verdade. Ela também ouvia música clássica, *rock* clássico e algum *country*. Mas ouvia diretamente no *smartphone*, para poder evitar a tagarelice irritante de um DJ.

Ela estremeceu, sentindo-se culpada pelo pensamento apesar de saber que Nolan não lhe podia ler a mente.

— Algo errado?

— É só... quero dizer já passa das 11 da noite. Tens um programa de manhã?

— Tenho — mudou de posição e quando falou a sua voz era a mesma... mas diferente. Um pouco mais baixa. Um pouco mais rica. Mas ainda tingida pelo mesmo toque de divertimento, como se ele adorasse o modo como olhava para o mundo. — *Junte-se a mim, Nolan Wood, todos os dias da semana das seis às dez na KIKX FM, 96.3 no seu rádio.*

Ela aplaudiu, a rir.

— Foi ótimo. Tens mesmo uma voz de rádio.

Ele não chegou a corar, mas fez uma expressão agradada.

— Então tens de estar no trabalho daqui a cinco horas?

— Sim.

— Mas...

— Mas porque é que ainda estou a falar contigo, em vez de...

— Em vez de?

O canto da sua boca virou-se para cima.

— Em vez de te oferecer um café e te pôr sóbria. — Esticou o braço e acariciou suavemente o lábio inferior dela com o dedo indicador, um toque que fez o corpo dela atear-se de novo. — Quero o meu beijo de boa-noite, afinal de contas.

Um bando de borboletas dançou na sua barriga. E a verdade é que ela começava a recuperar o juízo. O que não era necessariamente uma coisa boa, porque todos os tipos de dúvidas da antiga Shelby subiam por ela acima ao imaginar Nolan ali todas as noites, com os seus belos olhos a perscrutar a sala até encontrar uma mulher para seduzir com a sua voz tremendamente sensual.

— Sabes bem as tuas deixas, não sabes?

Uma sombra passou-lhe pelos olhos. Quando ele falou, a sua voz perdera leveza.

— Ficarias surpreendida com o quanto eu não faço isto.

— Namoriscar com uma mulher?

— Ir atrás de uma mulher.

Ela abanou a cabeça, sem perceber.

Ele aproximou-se mais um passo, fazendo um gesto entre eles.

— Eu não faço isto. Não persigo. Não costumo precisar de o fazer.

— Oh. — Ela estudou-lhe o rosto, sabendo que aquela era provavelmente mais uma frase de engate. Mas havia uma intensidade nos seus olhos que a surpreendeu. E apesar do senso comum, ela acreditou nele.

— Então e que tal? — perguntou ele.

Ela enrijeceu, os olhos esbugalhados, todo o seu corpo hiperconsciente.

— Que tal? — A palavra soou como um gritinho.

— Um café?

— Ah. — Ela descontraiu um pouco. — Não sei. Quero dizer, as minhas amigas... — Olhou para o grupo. Desta feita, Celia e Hannah estavam a olhar na sua direção... e faziam-lhe sinal em direção à porta.

Nolan fez um barulho com a língua.

— Se tivermos em conta a pressão dos teus pares, acho que vou ganhar. Não tenho a certeza de alguma vez ter visto um grupo de amigas tão encorajador. É por causa de mim ou de ti?

— De mim — disse ela. — Já te disse que não costumo... — Ela parou de falar com um encolher de ombros.

— Não costumavas beber café? — A voz dele aumentou numa fingida credulidade. — Bem, está certo. Eu peço um chá para ti.

— Eu... — Ela tencionava protestar, mas não conseguiu arranjar um pretexto para isso. — Só café, certo?

Ela acenou em direção à parte da frente da sala.

— Tenho de ir dizer às minhas amigas. — Dito isto, apressou-se nessa direção.

— Ele é *tão* giro — disse Hannah, começando a erguer-se com a intenção clara de lhe dar um abraço.

— Não te atrevas — disse Shelby. — Ele está a olhar.

— Estamos tão orgulhosas de ti — disse Hannah, mantendo-se sentada. Fingiu secar uma lágrima. — A nossa menina está uma mulher.

Shelby revirou os olhos e concentrou-se em Celia.

— Achas que está bem? Quero dizer, ir embora com um homem desconhecido?

— Oh, por favor — disse Celia. — É o Nolan Wood.

— Sim, mas...

— Espera aí — Celia ergueu uma mão para fazer sinal a uma das empregadas, e uma bonita rapariga com cabelo ondulado apressou-se a dirigir-se a ela. — Ei,

Tiffany! — exclamou Celia. — Uma pergunta. Aquele tipo ali é um cliente habitual? Quero dizer, não há problema se... — interrompeu-se olhando significativamente para Shelby, que tinha a certeza de que iria derreter-se no chão de vergonha.

— Café — disse Shelby. — Nós só vamos beber um café.

— Hum-hum. — Celia enxotou o comentário, com a atenção ainda em Tiffany.

— Nolan? — respondeu Tiffany. — Ele é um cliente habitual, por isso vejo-o muito aqui. — A sua atenção mudou para Shelby. — É um moço simpático. É amigo do Reece e do Brent, e não me parece que eles se dessem com um cretino.

Shelby começou a perguntar quem eram Reece e Brent, mas decidiu que não lhe importava. Nolan ganhara o selo de aprovação. O que significava que agora a bola estava no campo dela.

Ela olhou para as amigas, em pânico.

— *Vai!* — disseram Celia e Hannah ao mesmo tempo. — E conta-nos tudo amanhã de manhã — acrescentou Hannah.

Shelby fez uma careta.

— Hum, não. De manhã estarei sóbria e *não* falarei sobre o assunto.

— Talvez não — disse Hannah, com um sorriso malicioso. — Mas esta noite vais passar um bom bocado.

Só quando Nolan a viu regressar na sua direção é que compreendeu que estivera a sustentar a respiração. Expirou, incrivelmente aliviado de ter passado no teste que as amigas lhe tinham feito, fosse lá ele o que fosse.

*Ela.* O seu paradoxo de cabelos escuros. A mulher que tão inesperadamente o tinha deixado de quatro.

E ele compreendeu, com um estremecimento, que nem sequer sabia o nome dela.

— Nolan Sebastian Wood — disse ele, esticando a mão quando ela regressou.

— Hum, sim. Eu sei. Não a parte do Sebastian. Fica-te bem.

Ele manteve a mão estendida.

— E tu és?

Ela esbugalhou os olhos e, apesar de estar claramente abalada por ele nem sequer saber o seu nome, achou que ele tinha um ar absolutamente adorável.

— Shelby — disse ela, por fim. — Shelby Drake. — Ela fez deslizar a sua mão na dele, um gesto simples e bem-educado que o atingiu como um míssil. Desejou nunca ter de a largar — mas, ao mesmo tempo, queria a mão livre para poder explorar cada centímetro curvilíneo e sensual do seu corpo. Queria perder-se nela — naquela mulher que conseguira apagar o seu dia desagradável com nada mais do que alguns olhares calorosos, envergonhados, e o sorriso mais doce que ele alguma vez vira.



Mas primeiro queria oferecer-lhe um café.

— O Halcyon está aberto durante mais umas horas — disse ele, quando se encontravam no passeio em frente ao The Fix. Ele passou revista à sua base de dados mental sobre que cafés estavam abertos na baixa até tarde. Na verdade, havia muitos. — É perto e podemos bebericar café e cozer *s'mores* à mesa. O que achas?

— Hum, certo.

— Não és fã de *s'mores*? Porque eu não estou a brincar. Há pequenas lamparinas em todas as mesas e...

— Queres mesmo café?

— Tu, não?

Ela lambeu os lábios e ele compreendeu que não queria de todo café. Queria aquela língua na sua boca. Ou noutros sítios mais interessantes.

Ele mudou de posição, sentindo as calças de ganga repentinamente demasiado apertadas.

— É só que... eu, bem...

Mesmo no escuro ele conseguia ver-lhe o rosto, que tinha ficado vermelho.

— Eu pensei que o café era, tipo, um eufemismo — sussurrou ela.

*Oh, Deus, ele ia vir-se ali mesmo.*

— Onde vives? — perguntou ele. — E onde está o teu carro?

Convenientemente acontecia que ela viera com uma amiga. Ainda mais convenientemente, o carro de Nolan estava a um mero quarteirão dali. E melhor do que tudo, ela vivia em Clarksville, um bairro contíguo à baixa, num apartamento mesmo por detrás da Padaria Sweetish Hill.

— É giro — disse ele, depois de ela se atrapalhar com a chave na fechadura e acender as luzes.

— Se por giro queres dizer pequeno, então é, sim. — Ela rodou sobre si mesma, indicando a pequenina casa com a sua sala de estar confortável e arrumada com espaço suficiente apenas para um sofá aconchegante, uma poltrona reclinável e um televisor. Vários livros de capa dura estavam cuidadosamente empilhados na mesinha baixa, incluindo um chamado *Of Human Bondage*, que provavelmente não tinha nada que ver com o título. Os sapatos dela encaixavam perfeitamente num pequeno banco com prateleiras junto à porta, e havia cestos cheios de cobertores arrumados em locais estranhos.

— Há também uma cozinha e um quarto — continuou ela, acenando vagamente. — E é praticamente tudo. Creio que era uma casa de visitas que servia a casa ao lado, mas não sei a história. Só a arrendei. — Ela encolheu os ombros. — É suficientemente grande para mim e é perto do centro. Eu trabalho numa empresa de gestão financeira no edifício Frost Bank. E, oh meu Deus, estou a divagar, não estou?

Estava, sim. E, embora as mulheres faladoras normalmente o irritassem, ele pensou que seria capaz de a ouvir durante toda a noite.

— Tens uma máquina de café? — Ele queria-a *realmente* sóbria. Ao ponto de estar quase a quebrar a sua regra estrita para a primeira saída. Ligeiramente embriagada não importava, certo? Porque, naquele momento, ligeiramente embriagada parecia perfeitamente razoável para um primeiro beijo, uma primeira queca, um primeiro tudo.

Só que não era. Ele seguia regras estritas depois de Amanda ter ido ter com ele lavada em lágrimas no final do seu segundo semestre na UT. Ela tinha-se embebedado, dormido com um estranho e ficara aterrorizada com a possibilidade de estar grávida — ou pior.

Não estava — graças a Deus. Mas fora para ele que ela se virara, pedindo-lhe que mantivesse segredo dos pais e dos amigos. Mesmo de Jenna, a quem Amanda contava tudo. Ele vira o seu medo e a sua vergonha. Ela tinha toda a sua vida planeada e ficou aterrorizada, com medo de deitar tudo a perder por causa de uma escolha estúpida depois de uma noite de copos.

E não se dera o caso de ela se ter esquecido do contraceutivo. Mesmo bêbeda insistira para que o tipo usasse um preservativo. E ele tinha usado — mas ele também estava bêbedo, e, como Amanda lhe chamara com raro humor dadas as circunstâncias, eles tinham sofrido uma «enorme falha no vestuário».

«Mas nem é só isso», dissera Amanda. «Estou zangada porque não era eu. Quero dizer, se tivesse estado com o Dan», prosseguira ela, nomeando um antigo namorado, «então, estar bêbedo apenas tornava a coisa divertida. Mas eu não conhecia o tipo. Então era *isto* a falar». Ela apontara para a parte posterior da sua cabeça. «Um centro hormonal. Mas não sou eu. E eu nem o queria realmente. Quero dizer, não o conhecia.»

Eles tinham-se sentado no Student Health Center enquanto ela partilhava o seu arrependimento e os seus medos. E mesmo não estando grávida nem infetada, Nolan prometeu ali mesmo nunca, mas *nunca* mesmo, dormir com uma mulher que estivesse bêbeda, com preservativo ou não. Não queria arriscar-se a feri-la. Mais do que isso, ele queria que uma mulher estivesse na sua cama por *ele* e não por ter as hormonas em frenesim.

Nolan tinha quase 30 anos, e ao longo dos anos já se afastara de mais do que o seu quinhão de mulheres embriagadas. Mas, caramba, não queria afastar-se de Shelby.

— Uma máquina de café — repetiu ele. — Tens uma?

Ela piscou os olhos e depois assentiu.

— Hum, tenho uma *Keurig*.

— Perfeito. Senta-te. — Ele apontou para o sofá. — Natas? Açúcar?

— No frigorífico e junto à máquina. Mas eu tomo-o simples.

— Isso mesmo — disse ele, desaparecendo em seguida numa cozinha que era, de forma impressionante, ainda mais organizada e arrumada do que a sala de estar. Encontrou as chávenas organizadas por cor e tamanho num armário em cima da máquina *Keurig*. Havia diversas cápsulas ao seu lado e ele escolheu Colombiano para ela, imaginando que seria mais forte do que o Avelã. E descafeinado estava completamente fora de questão.

Ele não se incomodou em fazer um para ele, e assim que a máquina deixou de correr, pegou na chávena e transportou-a cuidadosamente de volta à sala de estar, para encontrar Shelby no sofá cinzento, com a cabeça para trás, os olhos fechados e uma almofada verde-brilhante agarrada contra o peito.

*Bem, que diabo.*

— Aqui tens — disse ele com meiguice. Considerou oferecer-se para a ajudar a ir para a cama, mas decidiu que o risco era demasiado alto. Uma vez no quarto, ele tinha a certeza de que só teria forças para sair se ela o expulsasse. E ele estava bastante certo de que ela não iria fazer isso.

— Café — disse ele, dobrando-se para o colocar sobre a mesinha. Ela abriu os olhos — verdes agora, mas não eram azuis no bar? — e sorriu tão docemente que ele sentiu um nó subir-lhe na garganta.

*Não te sentes. Só vais querer ficar.*

— Obrigada — disse ela, encolhendo-se para fazer espaço para ele antes de pegar no café e beber um gole.

Ele abanou a cabeça.

— Tenho de ir.

Os olhos dela arregalaram-se por detrás do rebordo da chávena. Engoliu em seco antes de abanar a cabeça.

— Espera. O quê?

Ele deu alguns passos em direção à porta, para não perder a sua determinação.

Ela pôs-se logo de pé, colocando a chávena numa das bases em pedra.

— Mas... eu pensei. Quero dizer, nós...

— O quê? — disse ele, querendo bater a si mesmo. Ele sabia perfeitamente *o quê*. Estava só a empatar porque não queria ir-se embora.

A garganta dela mexeu-se quando ela engoliu em seco, e ele viu coragem a lampear naqueles olhos fascinantes que agora pareciam cinzento-esverdeados.

— É só porque nunca trouxe um estranho para casa antes.

Uma espécie de orgulho cresceu nele, mas ele reprimiu-o. Não precisava do seu maldito ego a tomar conta da situação.

— Tecnicamente, fui eu que te trouxe para casa.

Ela deu outro passo na direção dele.

— Mas nós não... — Ela parou de falar, o rosto enrubescido. — Só quero dizer que eu queria... oh, *diabo* — disse ela, inclinando-se em seguida para a frente e tomando a sua boca num beijo tão inesperado e delicioso que, quando finalmente quebraram o contacto, ele se manteve agarrado ao braço dela com um medo irracional de que, se a deixasse ir, ela haveria de se desvanecer como uma criatura mágica.

Com a mão a agarrar-lhe o braço, ele inspirou para se acalmar. Toda a sua energia se concentrou em não a puxar na sua direção para outro beijo mais profundo.

— É isso que queres? — perguntou ele.

Ela abanou a cabeça, nunca abandonando os olhos dele. E embora ela não tivesse hesitado, ele sabia que ela estava a invocar toda a sua coragem para fazer o momento acontecer.

— Não — disse ela. — Eu quero mais.

Ele considerou as suas opções — considerou as suas regras — e depois disse a única verdade que conhecia.

— Também eu.

— Nolan...

Ele pressionou um dedo nos lábios dela para a silenciar e fez a sua escolha.

— Fecha os olhos, Shelby. Limita-te a fechar os olhos.

# Doze meses, doze homens, doze histórias absurdamente sexy.

O bar The Fix on Sixth está em risco de fechar. Um grupo de amigos decide ajudar, competindo com o que de melhor tem: sensualidade e atributos físicos! E assim surge o concurso **O Homem do Mês**, onde os melhores partidos do Texas vão disputar o título durante doze meses, atraindo os olhares do público e das mulheres que os tiram do sério.

## ◦ Abril ◦

Divertido, picante e inconveniente, **NOLAN WOOD** é uma estrela de rádio, que usa o sexo sem compromisso e algum humor para esconder a sua insegurança. Até que conhece Shelby. O problema é que Shelby acredita que são completos opostos e que a relação entre eles nunca irá funcionar. Conseguirá Nolan mostrar-lhe que está errada?

## ◦ Maio ◦

**TYREE JOHNSON** é o dono do The Fix e há muito que o destino lhe tem sido cruel. Perdeu o melhor amigo na guerra, a mulher, num acidente, e agora está em risco de perder o bar. Como se não bastasse, Eva, o seu primeiro amor, está de volta. Mas estará Tyree disposto a abrir o coração à primeira mulher que lho partiu?

## ◦ Junho ◦

Não há mulher que resista ao rico e irreverente **PARKER MANNING**. A não ser Megan Clark. Por isso, quando ela lhe pede ajuda, Parker propõe-lhe em troca uma noite sensual. Mas ele não esperava ficar tão rendido ao poder dela, e agora, para a conquistar, tem de aprender a mostrar quem verdadeiramente é. Será que vai conseguir?

**Qual destes homens  
a conquistará?**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-84-3



9 789898 917843

Romance Erótico